

mente, o banco recusou, pois não encontraria tomador a taxa igual ou superior. O dinheiro que não está indo para os papéis de renda fixa também não está entrando nas bolsas de valores. Os excepcionais volumes de negócios registrados na semana passada (pico de Cr\$ 26 bilhões, no Rio, e de Cr\$ 9 bilhões, em São Paulo), na realidade, foram valores principalmente escriturais, produto de rolagem de contratos no mercado a futuro e de giro de opções de compra de Petrobrás.

Especialistas em câmbio garantem que uma parte desse dinheiro entrou no mercado paralelo de dólares. A princípio, em razão da desvalorização das moedas argentina e chilena (quem comprasse dólares, sexta-feira, em São Paulo, no câmbio negro, a Cr\$ 282 encontraria compradores, em Buenos Aires, pelo equivalente a Cr\$ 360,00); mais recentemente, pela expectativa de uma nova maxidesvalorização do cruzeiro ou, pelo menos, da aceleração das minidesvalorizações.

Grande parte dessas aplicações no mercado marginal de câmbio representa dinheiro "frio", ganho em transações que não podem ser declaradas no Imposto de Renda. Outra parte do dinheiro estaria procurando imóveis, principalmente rurais, em que a valorização é maior que nas zonas urbanas, e valendo-se de um relativo aumento da oferta, nestes meses que antecedem a entrada em vigor do imposto de 25% sobre o valor da venda. O open market estaria servindo apenas de "ponto de apoio" para um dinheiro assustado pela inflação.

Na dúvida, para onde vai o dinheiro

por Elpídio Marinho de Mattos
de São Paulo

Os bancos estão encontrando dificuldades para captar o chamado "grande dinheiro" a menos de 170% ao ano. Foi essa taxa que um investidor pediu, sexta-feira, a um gerente de banco, em São Paulo, para aplicar Cr\$ 6 milhões em CDB de seis meses. Obvia-